

UMA ETNOGRAFIA DO SISTEMA DE TROCAS MATERIAIS E MORAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SACERDOTAL EM SANTA CATARINA

Marcos Alfonso Spiess

E-mail: spiess.spiess@gmail.com

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES
Universidade Federal do Paraná – Doutorado em Antropologia Social – DEAN/UFPR

Este trabalho busca refletir sobre o processo formativo de jovens que decidem ingressar em seminários católicos e problematizar como a saída de um filho homem do seu núcleo familiar pode gerar tensões à reprodução social e econômica das famílias envolvidas. Tendo por referência a análise de três trajetórias distintas, analisam-se os aspectos econômicos que perpassam o processo formativo dos seminaristas. Esta formação pode ser compreendida como um complexo sistema de trocas que envolve diferentes sujeitos e que a princípio se funda em relações materiais mas aos poucos se converte em obrigações morais. O objetivo é demonstrar como que a formação religiosa de padres católicos desenvolve um sistema de obrigações materiais e morais envolvendo filhos homens e suas famílias.

Palavras-chave: Seminaristas; Família; Formação Sacerdotal; Igreja Católica; Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende expor e problematizar alguns aspectos econômicos envolvidos no processo formativo de seminaristas católicos diocesanos¹⁵⁸. A partir de uma pesquisa etnográfica realizada em 2010 e 2011 no Seminário Filosófico de Santa Catarina (Sefisc), localizado na cidade de Brusque, constatou-se que inúmeras questões perpassam a saída de um filho homem do núcleo familiar, o seu ingresso e permanência no seminário, sendo que a dimensão financeira é uma das mais controversas¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Neste trabalho busco sintetizar algumas discussões formuladas no segundo capítulo da minha dissertação de mestrado intitulada *Futuros Sacerdotes do Senhor: a decisão vocacional entre seminaristas em Santa Catarina*, defendida em setembro de 2012 no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

¹⁵⁹ O Seminário Filosófico de Santa Catarina (Sefisc), fundado em 1981 na cidade de Brusque, é um seminário interdiocesano, abrigando atualmente seminaristas de oito dioceses catarinenses para a etapa da Filosofia. Como a pesquisa se desenvolveu eminentemente com seminaristas e padres diocesanos, é importante ressaltar que não se pretende abarcar uma análise das vocações religiosas. Frisa-se que as vocações religiosas, que envolvem tanto as mulheres quanto os homens de vida consagrada (AUS freiras/freis, irmãs/irmãos, monjas/monges etc.) estão vinculadas institucionalmente às congregações ou ordens religiosas (por exemplo: Franciscanos, Jesuítas, Beneditinos etc.). Diferentemente, os padres diocesanos, também denominados de seculares, estão vinculados institucionalmente às dioceses onde foram ordenados. Assim, enquanto que o padre religioso mantém vínculo com sua congregação, os padres seculares se vinculam diretamente ao bispo da diocese na qual estão incardinados.

Além da ascensão social possível através dos estudos seminarísticos, tem-se que no caso dos padres diocesanos a adesão pela vocação sacerdotal implica também numa opção profissional, possibilitando a independência financeira do sujeito que se submete a este processo formativo. Contudo, esta independência financeira somente é conseguida após a ordenação, sendo que durante o processo formativo uma das principais dificuldades apontadas pelos sujeitos pesquisados era a dependência financeira que se criava em relação à família, aos benfeitores, aos padres e às paróquias.

A questão está justamente no lapso temporal entre o ingresso no seminário e a ordenação. O fato de estarem impedidos pela instituição de assumirem uma profissão ou algum trabalho que auxilie no próprio sustento durante o tempo de estudos, isto faz com que muitos seminaristas se sintam incomodados por ter que dependerem financeiramente de outras pessoas.

No intuito de melhor compreender e analisar as trocas que subsistem às decisões vocacionais, passa-se à descrição da trajetória de três seminaristas: Rafael, André e Pedro, que pertenciam, respectivamente, às dioceses de Blumenau, Caçador e Tubarão. Estes seminaristas ressaltavam sobremaneira como as questões econômicas, muitas vezes apontadas como dificuldades financeiras, influenciavam no *caminho vocacional*.

A VOCAÇÃO SACERDOTAL A PARTIR DE TRÊS TRAJETÓRIAS

No primeiro semestre de 2011, os seminaristas Rafael, André e Pedro estavam cursando filosofia no Sefisc, pois já haviam concluído a primeira fase de formação no seminário menor, onde cursaram o ensino médio, bem como, já tinham realizado o propedêutico, período de um ano que antecede a filosofia e está voltado à formação *humana e religiosa*.

Rafael tinha 18 anos e era um dos seminaristas da Diocese de Blumenau. Natural de Timbó, cidade com pouco mais de 30 mil habitantes, colonizada por alemães e italianos, na qual a economia é baseada na indústria e comércio. Seu pai, natural do oeste catarinense, migrou para Timbó aproximadamente há 25 anos, época em que a industrialização e o êxodo rural ainda tinham impulso no Brasil. Ao migrar para Timbó, o pai de Rafael conseguiu um

trabalho como pedreiro e desenvolvia trabalhos de eletricitista. Esta última função ele exerce até hoje na cidade. Foi lá também que conheceu e se casou com a mãe do seminarista, que, vindo do interior do Paraná, passou a trabalhar numa escola como auxiliar de serviços gerais.

Desta família de migrantes nasceram quatro filhos, duas mulheres e dois homens, sendo que Rafael era o mais novo de todos. Quando tinha pouco mais de sete anos, todos os seus irmãos já tinham casados e saído de casa, sendo que somente ele ficou morando com seus pais. Na época sua mãe era ministra da eucaristia, e incentivado por ela, ele participava das atividades da Igreja. Também foi por incentivo dela que aos poucos passou a assumir as funções de coroinha na paróquia. Quando já estava com treze anos, Rafael foi convidado por alguns seminaristas para frequentar os *estágios vocacionais* no Seminário Menor de Blumenau. Após conhecer o seminário, decidiu por ingressar no mesmo assim que começou os estudos do ensino médio.

Durante os primeiros anos de estudos de Rafael quem se responsabilizou com as mensalidades pagas ao seminário foram seus pais. Somente no terceiro ano de seminário é que Rafael passou a contar com a ajuda mensal da sua *capela* de origem. Em 2011, após quatro anos de seminário e já estando na Filosofia, além de ganhar um *ofertório*¹⁶⁰ da sua *comunidade* de origem, ele também recebia contribuições da *comunidade* em que *fazia pastoral*¹⁶¹, e de alguns benfeitores que contribuía com ele. Na Filosofia, seus pais não precisavam mais auxiliá-lo mensalmente, pois o dinheiro que arrecadava com as *comunidades* geralmente supria a mensalidade e acaba sobrando para a aquisição de bens pessoais (material de higiene, livros, computador etc.).

O seminarista André, na época com 20 anos, pertencia à Diocese de Caçador. Nascido

¹⁶⁰ O *ofertório* é dos principais momentos durante a celebração da Missa, pois vincula a liturgia da palavra (leituras bíblicas) com a liturgia eucarística (consagração do pão e do vinho). Durante o *ofertório* se canta um hino enquanto o padre prepara o altar para dar continuidade na cerimônia. O *povo*, por sua vez, além de cantar também é convidado a contribuir com a Igreja. Geralmente esse momento é marcado pela *coleta* de dinheiro através de vasilhas ou bandejas que circulam pela igreja. O montante de dinheiro arrecadado também é denominado de *ofertório* ou *coleta*.

¹⁶¹ *Fazer pastoral* é a expressão utilizada pelos seminaristas para se referir a toda e qualquer atividade que venham a desenvolver em comunidades católicas. Durante os finais de semana os seminaristas saem do seminário e ficam hospedados em casas de famílias católicas, com isso, eles participam das atividades da Igreja local junto com a família que os acolhe. No início de cada ano os padres formadores designam onde cada seminarista irá *fazer pastoral*, e é onde eles acabam auxiliando na catequese, nas celebrações, organizando festas etc.

numa comunidade rural com aproximadamente 40 famílias. Até antes de entrar no seminário, seu pai mantinha uma agricultura de subsistência produzindo basicamente milho e feijão para o consumo próprio, sendo que a produção excedente era destinada a venda entre os vizinhos.

O milho, por sua vez, era produzido em maior quantidade para servir como alimentos para as vacas. Estas, por sua vez, produziam o leite para consumo da família, para a produção de queijos caseiros que sua mãe destinava a venda ou troca de alimentos com outras vizinhas e, o restante do leite era posto a venda para um laticínio localizado no centro da cidade. Enquanto que André acompanhava seu pai na roça, sua mãe era auxiliada por duas irmãs.

Quando estava com 15 anos, André ingressou no ensino médio, e como os seus estudos passaram a serem feitos à noite, ele tinha mais tempo para auxiliar o pai na agricultura durante o dia. Neste período ele passou a frequentar a escola no centro da cidade, foi quando veio a conhecer o pároco da Igreja Católica. O padre da paróquia convidou André a conhecer o seminário, sendo que durante o ensino médio, no mínimo três vezes ao ano, ele acabava visitando e ficando alguns dias no seminário. Estas experiências se repetiram até terminar o ensino médio no final de 2008, quando André decidiu ingressar no seminário.

Em 2009, ele ingressou no ano propedêutico na cidade de Caçador e durante este período seus pais foram os responsáveis para pagar a mensalidade, que na época era de 200 reais. Além disto, eram seus pais que arcavam com os gastos pessoais. Em 2010, quando ingressou na Filosofia em Brusque, a mensalidade aumentou para 250 reais. Porém, agora quem contribuía para cobrir estes gastos era a sua paróquia de origem e uma *madrinha* que o ajudava mensalmente com as despesas pessoais.

O seminarista Pedro, natural da cidade de Tubarão, na época com 22 anos, já estava no sétimo ano de seminário. Seu pai trabalhava numa empresa de transportes coletivos como motorista de ônibus há aproximadamente 20 anos. Já sua mãe, primeiro era diarista e, paralelamente, trabalhava como costureira na própria casa para conseguir aumentar a renda da família. Mas já fazia três anos que ela tinha ido trabalhar na mesma empresa que seu pai. Sendo o filho mais velho, Pedro possuía uma irmã dois anos mais nova que ele e que ainda mora com seus pais.

Pedro ressaltava que o engajamento de sua família com a Igreja foi decisivo para ele ingressar no seminário. E, pelo fato do seminário menor estar localizado na mesma cidade onde moravam seus pais, o deixou mais tranquilo no início, principalmente porque pode continuar estudando no mesmo colégio que sua irmã. Além de ver a irmã praticamente todos os dias, seus pais o visitavam toda segunda-feira no seminário, quando tinha missa aberta à comunidade.

Nos três primeiros anos, enquanto cursava o ensino médio, quem pagava as mensalidades do seminário eram seus pais. Como a renda familiar era baixa para arcar com todas as despesas, eles articulavam durante o ano uma rifa para contribuir com o seminário. Esta rifa era feita pelo próprio seminário e cada seminarista que tivesse interesse se comprometia em vender uma quantidade “x” de bilhetes até completar o valor correspondente às mensalidades, que na época era 200 reais. Quem preferisse podia pagar a mensalidade antecipadamente, sem precisar se comprometer em vender as rifas. Obviamente, como explicou o seminarista, isto dificilmente acontecia, primeiro porque a cada bilhete vendido era um valor a menos que os pais precisavam desembolsar; segundo, porque os bilhetes que não conseguiam vender, eles mesmos acabavam comprando, pois ficavam com a possibilidade de ganhar algum dos prêmios.

Assim que entrou no propedêutico, ainda na cidade de Tubarão, seu pároco e a paróquia passaram a pagar parte da mensalidade, sendo que a outra parte continuava sendo subsidiada pelos pais. Com o ingresso na Filosofia, sua paróquia e alguns benfeitores se comprometeram em pagar integralmente as mensalidades dos seminaristas. Além disso, ele conheceu algumas *madrinhas* que auxiliam diretamente o seminarista com seus gastos pessoais, com presentes (roupas, computador, celular, etc) e passagens para visitar a família.

A SAÍDA DE CASA E O INGRESSO NO SEMINÁRIO

De modo geral, os seminaristas que encontrei no Sefisc em 2011 provinham de uma camada populacional com poucas condições financeiras. Geralmente eram filhos de operários, agricultores, autônomos, vendedores, ou profissões similares que possibilitam reunir recursos

financeiros apenas para a subsistência familiar. Dessa forma, a dimensão financeira para as famílias era sempre uma realidade delicada e, às vezes, causa de problemas.

Se até duas décadas atrás era comum alguns filhos saírem para que aqueles que ficassem pudessem herdar e continuar a reprodução da família (Moura, 1978; Grossi, 1990) atualmente o problema é outro. Nos três casos relatados e que revelam a maioria das trajetórias vocacionais, os seminaristas pertencem a famílias com uma prole reduzida (de dois a quatro filhos), não obstante, geralmente são os únicos filhos homens, como era o caso de André e Pedro, ou então são os filhos mais novos e os únicos a estarem morando com os pais, como relata Rafael. O fato de eles figurarem como membro masculino da prole fazia com que recaísse sobre eles a responsabilidade de continuarem a reproduzir (através do sobrenome, do trabalho, da propriedade, de novos membros) a herança familiar (Stropasolas, 2004).

Na trajetória de André, por exemplo, sendo o único filho homem, caberia a ele suceder o pai nos serviços para a manutenção da família camponesa. A necessidade que continuar ajudando o pai na lavoura é evidenciada quando, meses antes de ingressar no seminário, o pai de André promete a ele uma moto de presente caso ele “desistisse da ideia de ser padre”. Sua decisão de entrar no seminário implicou não somente a perda de um membro na produção econômica familiar, e que seu pai queria garantir através do presente, mas também na despesa da mensalidade do seminário com a qual seus pais passaram a pagar.

Já no caso de Pedro, ele não podia ajudar seu pai na empresa de ônibus e nem sua mãe que na época era diarista. No entanto, sair de casa implicava, assim como no caso de André e Rafael, em ser o único (ou último) filho homem que estava deixando o núcleo familiar. De acordo com os relatos de Pedro, no início foi muito difícil para seus pais, sendo que o que facilitou era o fato do seminário ser na mesma cidade onde moravam, em Tubarão.

Destas trajetórias, é possível perceber que há duas problemáticas que se entrecruzam: a reprodução social da família e a manutenção financeira. No campo, por exemplo, a saída do filho implicava na perda de um membro que já auxiliava na produção agrícola dos pais. Dessa forma, economicamente falando, além de ficar com um membro a menos, a família passava a ter que sustenta-lo numa instituição que o impossibilitava de trabalhar. De outro viés, na

cidade, a saída de um filho homem implica na perda de um futuro membro economicamente ativo, além gastos a mais para mantê-lo no seminário.

O PADRE, A COMUNIDADE, A MADRINHA E AS TROCAS

Após enfrentar as problemáticas causadas pela saída de casa, os jovens que querem entrar no seminário se deparam com um novo desafio: quem irá pagar a mensalidade? Esta quantia varia conforme cada Diocese e conforme a etapa da formação em que está o seminarista. O menor valor que encontrei era de R\$150 no seminário menor e o maior era de R\$ 400 quando já estavam na etapa da Teologia.

O discurso reproduzido pelos padres formadores é de que esse é um *valor simbólico* e que tem por objetivo o comprometimento tanto do seminarista quanto da sua família com o processo formativo ao qual ele se submete. Conforme afirmou o padre reitor do Seminário Menor de Rio do Sul: “*O valor que pagam aqui é, antes de tudo, uma forma que a família tem para participar na formação do filho. Porque o que pagam, mal cobrem a despesa com os estudos*”.

Por outro lado, este *valor simbólico* é cobrado indistintamente a todos os seminaristas. Como apontou Grossi (1990; 1995), este valor se torna uma exigência ritual fundamental para o ingresso no seminário, ou seja, é uma forma de participação aparentemente livre e espontânea, mas que acaba sendo imposta pela instituição. Inicialmente, quem assume essas despesas é a própria família do jovem; somente com o passar dos anos, e conforme a ordenação vai se tornando mais próxima, é que mais pessoas se envolvem através de pagamentos e doações.

Nos casos em que as famílias não têm condições para pagar toda a mensalidade, desenvolvem-se alguns mecanismos para arrecadar dinheiro e auxiliar os seminaristas. Este foi o caso de Pedro, sabendo que o ingresso no seminário implicava em despesas para os pais que não tinham condições de pagar, ele participou de uma rifa com intuito de arrecadar dinheiro.

A rifa foi um meio encontrado por Pedro para se manter financeiramente dentro do seminário. Foi a própria instituição que organizou os prêmios para rifar e confeccionou os

blocos/bilhetes para vender. Com isto, a contribuição espontânea das famílias se convertia em um ato obrigatório, pois, se não possuíam dinheiro para o pagamento da mensalidade, não podiam, por sua vez, se eximirem do compromisso (no mínimo moral) de venderem as rifas do seminário.

O tempo, por sua vez, se torna um fator fundamental para decidir quem entra no sistema de dádivas, e quem passa a contribuir com o seminarista. Se por um lado Marcel Mauss (2003) possibilita pensar um sistema de troca simbólica generalizada em que destaca leis de reciprocidade – “dar, receber e retribuir” - que são próprios não só dos trobriandeses, mas de muitas culturas; por outro lado, conforme destaca Bourdieu (1996), a questão temporal é fundamental para a existência do sistema de trocas. O tempo gera incerteza quanto a retribuição do dom, mas também, ao gerar a reciprocidade ele possibilita ressaltar o desinteresse nas contribuições.

Em relação ao aspecto temporal, este pode ser entendido a partir de duas perspectivas. A primeira, a medida que o tempo de seminário vai aumentando, percebemos que o sistema de troca vai se ampliando para que outras pessoas também possam entrar nas trocas. Nos primeiros anos de seminário, quem contribui efetivamente para pagar as mensalidades são os membros da própria família. Por mais que existam outros mecanismos (rifas, festas) para arrecadar bens materiais para a manutenção dos seminaristas, é sobre a família que recai a responsabilidade de manter o filho fora de casa.

No entanto, quando ocorre o ingresso no propedêutico, na filosofia ou teologia, ou seja, a cada ano que se passa e a ordenação se torna mais próxima, o número de pessoas que contribui passa a aumentar assim como aumenta os dons recebidos. Geralmente motivados pelo pároco do seminarista, aparece a figura da capela ou paróquia que, enquanto instituição, ajuda no pagamento das mensalidades. Outras vezes ainda era mencionada a figura da comunidade, a Igreja não enquanto instituição e sim como *povo*. Por fim, surge ainda uma figura que passa a ter uma relação pessoal com o formando, a *madrinha*. De modo geral, além da família, existem três pessoas ou agentes que aparecem na articulação para arrecadação de dinheiro ou mantimentos para manutenção financeira do seminarista, são elas: o padre, a comunidade e as *madrinhas*.

O padre é geralmente o pároco da paróquia da qual o seminarista pertence. O padre, em alguns casos, é o responsável pelo ingresso do seminarista na instituição. Em relação à manutenção das despesas com a formação seminarística, em alguns casos o próprio padre *presenteia* o seminarista com dinheiro, mas na maioria das vezes ele passa a função de articulador de *benfeitores*¹⁶² para o jovem. É o padre quem articula a paróquia ou a comunidade para que contribua com o seminarista nas suas despesas.

Outro sujeito é a comunidade, ou o povo, que se refere aos fiéis que participam da Igreja. Se por um lado capela e paróquia se referem mais a parte administrativa da Igreja, por outro lado, os termos comunidade e povo se referem estritamente às pessoas envolvidas nas atividades religiosas. Esta distinção terminológica é importante para percebermos como o valor econômico do dom vai se transformando em um valor simbólico, ou melhor, sem perder o valor econômico, passa a ser observado a partir de um valor simbólico.

Por exemplo, em uma das vezes que pude acompanhar Rafael durante a celebração da missa, o padre explicou que a *coleta*, o *ofertório* daquela missa seria destinado ao seminarista. Assim, enquanto se dava prosseguimento com a missa através do canto de ofertório as pessoas da comunidade se levantavam de seus bancos para depositarem alimentos, roupas, mas principalmente dinheiro num ambiente preparado previamente na frente da mesa do altar. Assim, ao passar do dom dado pela capela para o dom dado pela comunidade durante a celebração da missa no momento do ofertório, percebemos aí uma passagem do dom estritamente econômico para o dom como capital simbólico, mesmo não perdendo o seu aspecto econômico.

Por fim, a terceira figura recorrentemente citada quanto às questões econômicas é a *madrinha*, sendo a figura feminina para esta função mais comum do que a masculina. O *padrinho* geralmente aparece associado à figura da *madrinha*, sendo que dificilmente ocorre o contrário. No entanto, para efeitos de análise, desconsiderando os aspectos de gênero aqui implicados, percebemos que a figura da *madrinha*, se caracteriza através da reciprocidade, da hierarquia e do patrocínio (Lanna, 2007)

¹⁶² Importante ressaltar que os benfeitores nem sempre figuram como padrinhos ou madrinhas. Enquanto que estes conhecem e acabam tendo uma relação mais íntima com o formando, os benfeitores contribuem com “o seminário” ou “os seminaristas” de forma geral, sem criar vínculos pessoais.

Para Lanna e “de acordo com Mauss, um presente é tudo o que é dado e recebido e cria uma obrigação de reciprocidade. Pode ser uma prestação material ou imaterial, incluindo visitas, hospitalidade, convites, festas e até mesmo homenagens” (2000, p. 125-126). No caso dos seminaristas em relação às *madrinhas*, as retribuições são feitas aos poucos através de pequenas dádivas, como visitas durante as férias, para as *madrinhas* que moram longe, geralmente na paróquia de origem; ou visitas nos finais de semana, para aquelas *madrinhas* que residem próximas ao seminário ou nas comunidades em que os seminaristas *fazem pastoral*. Há ainda aqueles que enviam cartas, cartões de festas para natal ou páscoa ou cartas com mensagens religiosas mensalmente.

Vale destacar aqui que o que circula não são somente coisas, mas é o próprio seminarista que, através das visitas, circula como forma de possibilitar o contradom. De outra forma, “o afilhado é ao mesmo tempo um sujeito que dá e um objeto que circula e, com uma importância muito semelhante aos das mulheres descritas por Lévi-Strauss [...], é uma valor simbólico e um transportador de valor (Lanna, 2007., p. 129).

Como os presentes que a *madrinha* dá ao seminarista sempre são maiores do que aqueles que ele retribui, impossibilitando o reembolso integral do dom, o seminarista sempre fica numa posição hierárquica inferior quanto as *madrinhas*. Analisando as expressões “de nada”, “de graça” e “obrigado” é que percebemos os aspectos políticos dessas relações de troca. Ser grato ao dizer “obrigado” significa que se está formalmente no dever de retribuir um favor: “Eu sou obrigado”. A pessoa que fez o favor, portanto, assume uma posição de superioridade, pois quando ela responde “De nada” ela liberta da “obrigação”. Assim, as trocas “De graça” possuem se caracterizam pela reciprocidade e assimetria (Lanna. 2007, p. 129).

Não obstante, ocorre que em algumas vezes, os sistemas de trocas são rompidos, estando geralmente associados às desistências dos seminaristas do processo de formação. Dessa forma, questionamos: como ocorre a quebra do sistema e no que isto pode implicar? Quais os meios utilizados por parte dos seminaristas para que interromper o sistema de trocas que foi estabelecido no decorrer dos anos de seminário? Sair do seminário implicaria necessariamente na quebra do sistema?

CONCLUSÕES

Ao se submeter ao processo de formação sacerdotal, cria-se implicações econômicas que devem ser enfrentadas pelos seminaristas. Neste sentido, pode-se verificar que a família é a primeira figura social que, junto com o jovem, está implicada nas questões financeiras para o ingresso no Seminário. Quando um jovem decide sair de casa ele coloca em desequilíbrio a reprodução social da família e, simultaneamente, deixa de ser um membro ativo economicamente. Não obstante, ele passa a gerar despesas não previstas no orçamento daqueles que ficam, pois, por mais que existam alguns mecanismos que auxiliam o sustento financeiro do seminarista, é sobre a família que recai a responsabilidade de manter financeiramente o filho durante os primeiros anos no processo formativo.

Paulatinamente, no decorrer dos anos de formação, mais pessoas vão se envolvendo no auxílio financeiro desses jovens, ou são envolvidas geralmente por *sugestão* do próprio padre. Estas pessoas, geralmente denominadas de *madrinhas*, além de auxiliar os seminaristas com dinheiro, os presenteiam com roupas, computadores, aparelhos eletrônicos, material de higiene, e, em contrapartida, os seminaristas retribuem com visitas, cartões, orações.

Além disto, surgem neste processo a paróquia e a comunidade do próprio jovem formando. Geralmente articulada por *sugestão* do pároco, a paróquia, enquanto órgão administrativo, contribui com o seminarista pagando as mensalidades. Outras vezes, quem assume este compromisso é a própria comunidade ou o *povo*, enquanto conjunto de fiéis que enfatizam o aspecto religioso e simbólico das doações.

O problema surge justamente pela ampliação do sistema de trocas na qual cada vez mais sujeitos se envolvem, promovendo uma inflação na quantidade de presentes que são dados aos seminaristas (não são poucos os que afirmam que ganham o suficiente e que *às vezes até sobra*). Por outro lado, ocorre um comprometimento cada vez mais crescente de retribuir aquilo que lhe é dado, ou seja, são obrigados a retribuírem de alguma forma aquilo que ganham, sendo que a ordenação é um dos presentes esperados pela maioria daqueles que se acham envolvidos no sistema. No entanto, ela mesma não coloca fim no sistema.

Por um lado, mesmo após ordenado, os recém-formados padres mantinham um comprometimento de continuar visitando suas *madrinhas* e suas *comunidades*. Por outro lado, aqueles que cogitavam sair do seminário ou que acabavam efetivamente saindo, eles apontavam a volta para a casa dos pais, e para a comunidade, como um meio de ajudar mais, de *contribuir* mais com aqueles que o tinham ajudado até então.

Na realidade, a assimetria gerada pelas trocas coloca um dos pares em situação de desvantagem e de obrigação para com o outro, possibilitando manter o sistema. No caso da formação dos seminaristas, as trocas estão sempre em relação - dando, recebendo e retribuindo – sendo que as coisas, as pessoas e os valores que circulam influenciam fortemente a *decisão vocacional* para se ordenar padre ou então para sair do seminário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. 1966. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp.
- GROSSI, Miriam Pillar. 1995. “Conventos e celibato feminino entre camponesas do sul do Brasil” em *Horizontes Antropológicos*, Florianópolis, n. 7.
- _____. 1990. “Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina” em *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (73): 48-58.
- LANNA, Marcos. 2007. “God-parenthood and sacrifice in Northeast Brazil” em *Vibrant*, v. 4, n. 2, pp. 121-152.
- _____. 2000. “Nota sobre Marcel Mauss e o *Ensaio sobre a dádiva*” em *Revista de Sociologia e Política*, n. 14, p. 173-194.
- MAUSS, Marcel. 2003. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas” em *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- MOURA, Margarida. 1978. *Os herdeiros da terra*. São Paulo: Hucitec.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. 2004. “O valor (do) casamento na agricultura familiar” em *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 253-267.